

EPIDEMIA DISCURSIVA DA AIDS – DA PESTE A ONIPRESENÇA CULTURAL

João Ferreira Lôbo Neto

Mestrando do PPGLI – Universidade Estadual da Paraíba
LOBO_NETO@HOTMAIL.COM

Resumo: A incidência dos casos da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) em homens jovens homossexuais fez com que as abordagens científicas ressaltassem a ligação intrínseca entre elas. Com essas especulações, a sociedade reforçou o preconceito existente contra os homossexuais, dando pouca importância para o problema de saúde pública que crescia rapidamente e que recebia a rotulação de “Peste Gay”. Dessa forma, ela ganhou uma existência quase onipresente na cultura. Nosso objetivo é analisar a construção do discurso que fez a AIDS um instrumento de rotulação e formalização de preconceito nos anos iniciais de sua existência no Brasil, focalizando as condições sociais da década de 80 que a proporcionaram, muito além de um problema de saúde, a afirmação de ser o mal do século XX, alcançando aspectos culturais das sociedades e criando uma estética própria para representá-la. Para tanto, destacaremos a construção do grupo de risco americano e sua inadequação na cultura brasileira, a relação imediata entre AIDS e morte e, por fim, a construção de um estilo artístico para se representar a doença nos principais meios de comunicação, com mais destaque nas revistas de grande circulação da época: *Istoé* e *Veja*. Nossa proposta é direcionarmos as relações entre a AIDS e a cultura, o que Hebert Daniel e Richard Parker (1991) denominaram de “Terceira Epidemia” no livro consagrado **AIDS: A Terceira Epidemia**. Dessa forma, teremos os elementos “pré-literários” que constituíram a primeira geração de escritores que trabalharam a temática da AIDS na Literatura Brasileira.

Palavras-chave: AIDS, Peste Gay, Epidemia, Discurso, Preconceito.

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA, que ficou conhecida pela sigla americana AIDS¹) é ocasionada pelo Vírus da Imunodeficiência humana – HIV (sigla originada da língua inglesa e refere-se a Human Immunodeficiency Virus) capaz de infectar as células compostas de CD4², que possuem a função de defesa do organismo. Quando o vírus ataca, ele entra na célula e com um processo de transcrição genética, assume seu controle e faz com que ela se replique de forma alterada. Sua ação é quase de um espião, perigoso e silencioso, infiltrado nas bases inimigas que vai lentamente, fazendo uma nova geração de servos dispostos a atacar o sistema o qual deveria proteger³. Historicamente, as primeiras notícias da AIDS surgiram nos Estados Unidos e na França, no início da década de 80, e tão logo se tornaria uma epidemia mundial. As vítimas, homens jovens, apareciam com um tipo de câncer de pele raro, Sarcoma de Kaposi, e com uma pneumonia comum. Era um quadro

¹ AIDS refere-se à Acquired ImmunoDeficiency Syndrome

² O CD4 (Grupamento de diferenciação 4 ou cluster of differentiation, em inglês) é uma das células mais importantes do sistema imunitário. Essas células procuram e caracterizam outras células e agentes infecciosos por proteínas específicas na superfície da célula e lideram o ataque às infecções.

³ De forma técnica, a AIDS é um quadro clínico com várias etapas devido a uma infecção pelo HIV, e não propriamente uma doença. Uma pessoa não morre de AIDS e sim de complicações advindas dela. Mas para uma fácil referência, iremos nos dirigir a ela como doença.

clínico progressivo de debilitações que os levavam á morte. Em seguida, surgiram casos em heroinômanos (usuários de heroína), hemofílicos e haitianos, mas, a incidência dos casos em homens jovens homossexuais levou as explicações científicas a ressaltarem a ligação entre a homossexualidade e a AIDS, e conseqüentemente, que as transmissões tivessem um cunho sexual. Com essas especulações, a sociedade reforçou o preconceito existente contra os homossexuais, tirando o foco do problema de saúde pública que crescia rapidamente, e recebia a rotulação de “Peste Gay”. Dessa forma, a AIDS ganhava uma existência quase onipresente na cultura.

Nosso objetivo nesse capítulo é analisar os elementos do discurso que fizeram da AIDS um instrumento de rotulação e formalização de preconceito nos anos iniciais de sua existência no Brasil, enviesada pela figura da “Peste Gay”. Para tanto, destacaremos a construção de um estilo artístico para se abordar sobre a AIDS nos principais meios de comunicação, em destaque nas revistas de grande circulação da época: **IstoÉ** e **Veja**. Nosso trabalho é iluminado pelos estudos de Marcelo Secron Bessa (2002), recai sobre os elementos pré-literários que formalizaram uma estrutura estética e ética para representar a AIDS nas artes narrativas.

Nossa proposta é direcionarmos as relações entre a AIDS e a cultura, o que Hebert Daniel e Richard Parker (1991) denominaram de “Terceira Epidemia”, no livro consagrado intitulado: **AIDS: A Terceira Epidemia**. Esses autores partem da percepção do Dr. Jonathan Mann de que haveria três etapas da epidemia da AIDS, destacando que a última etapa se daria quando a doença cria reações sociais.

A primeira é a epidemia da infecção pelo HIV que silentemente penetra na comunidade e passa muitas vezes despercebida. A segunda epidemia, que ocorre alguns anos depois da primeira, é a epidemia da própria AIDS: a síndrome de doenças infecciosas que se instalam em decorrência da imunodeficiência provocada pela infecção do HIV, Finalmente, a terceira (talvez, potencialmente, a mais explosiva) epidemia de reações sociais, culturais, econômicas e políticas à AIDS. (PARKER; RICHARD, 1991, p.13)

A metáfora da peste não é alcançada apenas por números alarmantes da contaminação em uma sociedade. Para chegar ao status de peste é preciso personagens como vítimas e ou culpadas, adjetivos carregados de moralidade, caminhos incertos na ciência e instabilidade social baseada no medo de contágio (e o medo do outro). E tudo isso só é alcançado quando a doença ultrapassa os limites da biologia e contamina as relações sociais, como é o caso da

terceira etapa da AIDS, através dos meios de comunicação.

A peste foi à vivência no cotidiano social. Para isso, era preciso uma constância de discursos que a fizessem existir, não só no universo médico, mas adentrasse na opinião pública em seus espaços privados, ou seja, dentro das casas dos brasileiros e os fizessem ter sentimentos próprios sobre o assunto, como medo, repulsa ou compaixão. Assim, os meios de comunicação de massa fizeram esse papel essencial, pois para ser peste precisava somar dois elementos: a representação da AIDS em uma grande quantidade de publicações para construir um repertório social do assunto e sentimentos.

Entre as incertezas, as matérias jornalísticas (aqui colocamos todas publicações, fossem elas de cunho informativo ou sensacionalistas, na mídia impressa ou televisiva) foram as primeiras literaturas da AIDS que tiveram contato com a opinião pública⁴. O tema logo assumiu destaque e criou-se a busca incessante por notícias, o que por muitas vezes informações contraditórias eram publicadas. Além das descobertas científicas, as narrativas dos contaminados também foram bastante exploradas e desse modo construindo não só o tema como também formando o público.

A AIDS discursiva chegou ao Brasil, antes do primeiro caso confirmado. Na pesquisa de Lindinalva Laurindo-Teodorescu e Paulo Roberto Teixeira., ao resgatar as primeiras publicações brasileiras sobre a AIDS, foi datado de 05 de julho de 1981, a primeira reportagem jornalística brasileira sobre o assunto no **Jornal do Brasil**, mas era uma matéria traduzida do **New York Times** do dia 03 de julho de 1981, intitulada de “Câncer raro ataca homossexuais”. Importante destacar que a publicação brasileira foi um mês depois do primeiro relatório oficial da MMWB com o caso dos cinco homossexuais. A próxima publicação foi apenas em 30 de maio de 1982, ainda no **Jornal do Brasil**, seguindo o mesmo perfil da anterior, uma tradução de uma matéria do **New York Times**, intitulada “Doença nova atinge homossexuais nos Estados Unidos”. No mesmo ano ainda se tem registro de uma matéria na **Veja** do mês de julho intitulado “Mal particular” e outra no jornal **Estado de São Paulo**. Nesses primeiros anos, pouco se sabia sobre o que estava realmente acontecendo, e as especulações faziam associações entre os homossexuais que consumiam hormônios femininos e ao comportamento sexual promíscuo.

Como vimos, em 1981 e 1982, as matérias jornalísticas são separadas e boa parte são traduções de periódicos americanos. Contudo, em 1983, acontece uma enxurrada de

⁴ Obviamente que antes dos jornais e revistas para o grande público houve a circulação de artigos científicos que de certa forma estavam restritos ao campo acadêmico. Todavia, esses textos também apresentavam traços bastante específicos. Para saber mais, Kenneth R. de Camargo Jr. (1993, 1994).

publicações, dado o fato de termos os primeiros registros no país. Em junho de 1983, a AIDS faz sua primeira vítima, o estilista Marcos Víncius Resende Gonçalves, conhecido como Markito. Era uma pessoa pública e, como afirmou Bessa (2002, p.31) “não só serviu de gancho para reportagens um pouco mais extensas sobre o assunto nas revistas semanais, como também instaurou uma inicial onda de pânico – e de preconceito – no país.”

O grande volume de notícias sobre a AIDS, nem sempre coerentes, foi construindo no Brasil uma espécie de gênero do folhetim em fascículos para abordar a temática e assim formando o público receptor. A pluralidade de discursos e gêneros literários dentro do texto jornalístico misturado às informações, tornava-o um texto híbrido disposto não só a informar, mas também a criar um sentimento próprio de escala nacional. Marcelo Bessa em sua pesquisa sobre as autobiografias e a AIDS refere-se aos estudos de Claudia Moraes e Sérgio Carrara, que observaram esse aspecto folhetinesco dentro da temática – até o discurso médico se deparava muitas vezes com um tom mais emotivo, e quando isso não ocorria a imprensa fazia esse trabalho de direcionar os fatos para as emoções – e listaram elementos como:

[...] vírus produzido em laboratório, guerra bacteriológica entre potenciais mundiais, doença misteriosa da África, macacos verdes, sexo com animais, resorts gays no Haiti, rituais de vodu, sangue, sauna gay e quartos escuros, sexo anal, oral e grupal, drogas invejáveis e inaláveis, entre outras coisas. Além disso, para completar, havia as mais ecléticas personagens possíveis: homossexuais, promíscuos, usuários de drogas, prostitutas, bebês inocentes, hemofílicos, africanos, haitianos etc. (BESSA, 2002, p. 23)

Todos esses elementos aparecem em algum momento nas notícias, muitas vezes em algumas como hipóteses da origem do vírus, em outras apontando comportamentos específicos e em todas que se referiam ao vírus transmitido sexualmente, o personagem homossexual aparecia. Neste último caso, a relação com a construção do grupo de risco foi essencial para surgir o protagonista da tragédia folhetinesca.

Cada meio de comunicação possuía uma intencionalidade própria, porém convergiam de alguma forma para construir a narrativa de folhetim da AIDS, e nessa trajetória as revistas com maiores tempos de elaboração das suas edições – as semanais, quinzenais ou mensais – que possuíam a possibilidade de se estender por mais páginas e elaborar melhor o assunto, tiveram grande importância na construção dessa história, como exemplo temos as revistas **Veja** e **IstoÉ**. Todos esses elementos fizeram dos periódicos um meio crucial de inserir a AIDS como um discurso muito além de uma compreensão médico-científica, alcançando a cultura do Brasil de tal forma que, como aponta Bessa: “além de imprimir marcas em nossa

compreensão da epidemia, certamente também o fez quanto à **expressão** desse entendimento, influenciando, desse modo, na produção, no consumo e na recepção daquilo que chamamos mais restritamente de **literatura**” (grifos do autor, 2002, p.28). O fenômeno bastante interessante que ocorre nessas revistas é o de que no decorrer do tempo, a AIDS vai assumindo várias abordagens, o que “sugere formas diversas de se compreender a AIDS” (BESSA, 2002, p.31), ou seja, antes a temática estava dedicada a três sessões – “ciência e saúde”, “medicina” e “especial” – e depois foi sendo apropriada, se dividindo ainda em “Comportamento”, “Perfil”, “Tendência”, “Sociedade”, “Sexo”, e ainda, uma sessão própria, “AIDS”. (BESSA, 2002).

Uma matéria importante nesse ano de 1983 foi publicada na revista **IstoÉ**, datada do dia 06 de Abril e intitulada “Tragédia Venérea”. Nela entre as informações internacionais havia a voz da liderança homossexual de São Paulo que afirmava que no Brasil ainda não tinha registro de casos de AIDS. Contudo, na edição de 20 de Abril, a revista publica nova matéria para corrigir a informação, intitulada “A praga gay no Brasil”. Nela, uma médica brasileira afirmava que já havia tratado homens com os sintomas da AIDS em seu consultório, ou seja, uma informação “bombástica”, pela primeira vez o grande público recebia a notícia da existência da AIDS no país por meio de uma matéria, que tinha dentro do seu conteúdo a expressão “peste gay”. E dois meses depois Markito falece e assim temos um crescimento de publicações sobre a doença.

Junto a esse fato, simultaneamente, nasce uma campanha nacional afirmando que não havia uma epidemia de AIDS no Brasil e que haveriam outras prioridades no sistema de saúde voltadas às doenças próprias da pobreza que ainda assolavam o país, como doenças de chagas, esquistossomose e a tuberculose. Depois disso ocorre um período de silêncio, uma vez que se acreditou na desimportância, mas os elementos para uma grande história já estavam postos: *“No Brasil, o cenário já estava delineado; o enredo, praticamente pronto; as personagens, já apresentadas, faltava-lhes, apenas, que seus perfis fossem um pouco mais trabalhados.”* (p. 32). E com esse cenário, atravessamos o ano de 84 sem muito alarde na grande mídia.

Em 1985, depois da revelação do astro hollywoodiano Rock Hudson, que era portador da AIDS. Com isso, uma nova onda de pânico se instalava e mais uma remessa de matérias jornalísticas eram publicadas. Nesse momento a matéria da **IstoÉ** revelava para os leitores que a epidemia já estava instalada no Brasil, uma vez que os casos de AIDS avançavam em progressões geométricas, sendo assim, a primeira matéria a denunciar que a AIDS se transformava em epidemia no país. Essa reportagem, ao mesmo tempo em que afirmava que o vírus HIV não estava limitado aos grupos homossexuais, “todo o seu teor é, basicamente, de

que a AIDS é uma doença gay, além de reforçar que é algo exótico, estrangeiro” (BESSA, 2002, p.34). Havia ainda a exposição do itinerário das pegações das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, destacando o que acontecia nesses locais, enfatizando quase no tom pornográfico com descrições da sexualidade casual entre homens incluindo o sexo anal. Nesse caso, essa exposição da sexualidade tinha a função de delimitar o espaço do lar como seguro, para que os leitores da revista não ficassem se sentindo atacados e nem ofendidos. Ao seu final, a reportagem narrava a história de um homem de 30 anos que ao saber de sua contaminação, saiu transando com várias pessoas e proliferando assim o vírus intencionalmente e logo após se matou. O autor da matéria afirmava que essa era uma “reação psicológica frequente” nos contaminados, o que reforçou não apenas o medo da doença, mas também, a própria percepção do outro, uma vez que era possível pensar em uma intenção homicida como algo comum aos recém-contaminados. Então, ensaiava-se a construção de um personagem protagonista vilão em meio a um enredo de um filme de terror ou policial, intensificando assim o medo e o pânico ao imaginário popular.

Essa matéria é muito importante, pois além de descrever os guetos gays como um lugar sombrio e detalhar como se dava as atividades promíscuas, ela destaca um comportamento antissocial que seria próprio dos portadores da doença. Assim, estava posto para o grande público um típico vilão – o homem gay traiçoeiro capaz de contaminar os outros intencionalmente apenas para se vingar do mundo. Nas palavras de Bessa (2002, p.37): “Apesar de delinear, ainda que de maneira não tão explícita, o perfil da pessoa com AIDS como revoltada e vingativa, a reportagem de **IstoÉ** não introduziu a vitimização do doente”.

Com um personagem vilão delimitado, nas próximas reportagens da revista foi abordado a AIDS e os indivíduos portadores do HIV como “bom doente” ou “mau doente”. O bom doente fazia o papel da vítima que luta para sobreviver a doença, hemofílicos e crianças contaminadas se encaixavam perfeitamente no papel O mau doente podia ser o tipo vingativo falado anteriormente ou o doente que se recusava a seguir o tratamento, fortificando um traço fundamental do folhetim da AIDS e depois um traço específico da literatura propriamente dita da AIDS: a história de pessoas com AIDS seja ela de forma biográfica ou autobiográfica dado que para poder julgar em qual lado o doente estava era preciso aprofundar em sua história e ter revelações íntimas não apenas dos fatos, mas a exposição dos demônios mais profundos da alma.

A primeira matéria jornalística a traçar esse perfil de abordagem foi da revista **IstoÉ**, em 1985, dando detalhes do processo de internação de outra celebridade, Luiz Roberto

Galizia, fundador do grupo teatral Ornitorrinco. Logo depois, a revista publica mais uma matéria que intitulava “Tenho AIDS e não quero morrer”, que narrava o drama de Junior, rapaz vítima da AIDS que continuo tendo relações sexuais depois que ficou sabendo que estava doente. Essa reportagem traz consigo inovações na abordagem: a primeira matéria que o paciente permitiu ser fotografado e relata em primeira pessoa sua experiência como portador da doença, sendo assim: “Aliás, essa reportagem vem consagrar o uso de histórias de doentes como abertura e fio condutor das reportagens sobre AIDS nas revistas semanais” (BESSA, 2002, p. 39)

A revista **Veja**, no mesmo ano, após a matéria inaugural da revista **IstoÉ** de um estilo que se tornará consagrado ao tratar do tema da AIDS, publica uma reportagem que apresenta quatro depoimentos, um deles era de um rapaz hemofílico que dava seu nome verdadeiro e deixa ser fotografado sem nenhum artifício para omitir o rosto. Tanto nesse como nos outros depoimentos o tom era de desolação, com o destaque para a degradação gradual do corpo.

As fotografias dessas reportagens também foram de fundamental importância para ir se construindo uma imagem densa e fúnebre da doença, formando a “cara da AIDS”, dando ao imaginário coletivo um perfil corporal que retirava a saúde e a boa aparência, deixando a imagem doentia, colaborando com a tríade: contagiosa, incurável e mortal.

A partir de então, as reportagens irão aprofundar nesse estilo de relato pessoal, mas não apenas explorando a visão do aidético, mas procurando novas vozes, fazendo surgir as narrativas dos profissionais da saúde e dos ativistas. Assim, a partir desses três elementos constituídos como possíveis protagonistas da temática da AIDS – o doente, o profissional de saúde e o ativista – Marcelo Bessa se referiu a eles utilizando o trabalho de Cindy Patton, que denomina a tríade de *dramatic personae*, que seriam os personagens essenciais para a narrativa da epidemia. A célebre reportagem da **IstoÉ**, de 1987, intitulada de “No front da AIDS”, deu a esses personagens o status heroico por trabalharem diante de tantas adversidades.

Quase como um processo evolutivo, depois de um desenvolvimento da estrutura do relato pessoal nas revistas, se compõe em 1987 a forma de diário para se tratar da AIDS. O **Jornal do Brasil** publica em uma matéria dominical intitulada de “Diário da Peste”, com o cunho repórter investigativo, mas sem abrir mão de um comovente relato. A reportagem consistia em relatar o dia a dia do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, referência por ter sido um dos primeiros locais a tratar pessoas com AIDS. “Durante oito dias, Ludemir [repórter e escritor] frequentou, como um disfarçado estudante de medicina, enfermarias e

ambulatórios do hospital”. (BESSA, 2002, p. 42). Bessa ao analisar a matéria, destaca que ela possuiu técnicas próprias de texto jornalístico, mas, possui técnicas romanescas capazes de emocionar o leitor. A magnificência do texto é percebida também devido a reportagem ganhar mais uma continuação na edição seguinte do jornal, o que é incomum no universo jornalístico de triagem diária. O tom romanesco desenha os heróis e vilões, e se os profissionais e ativistas são os heróis, o vilão é obviamente a AIDS, mas que se figura nos pacientes (do mau doente):

Mesmo que não sejam tão abertamente e claramente definidos como vilões, os pacientes mostram-se ora desligados, ora irresponsáveis com o tratamento. Mais ainda, vários deles vão a saunas gays (“Vi outro paciente seu saindo da sauna que fica na frente da minha casa”, diz uma médica a outra, “Esse pessoal é fogo. É o segundo que vejo em menos de um mês.” “Silêncio geral dentro do ambulatório”), bissexuais que mantêm relações sexuais com as esposas também sem preservativos, maridos que infectam esposas, doentes que, apesar de todos os indícios, não assumem que são gays etc. Nesse contexto, se não são vilões, no sentido estrito da palavra, acabam por sugestão, ou pelo menos ficando a um passo da vilania. (BESSA, 2002, p. 42-43)

Outras matérias viriam depois construindo um tom mais voltado para a vitimização dos pacientes e em algumas também um certo heroísmo. Nesses casos, normalmente estavam associados os relatos dos hemofílicos que teriam contraído o vírus durante uma transfusão sanguínea ou crianças recém-nascidas já contaminadas. Aos homossexuais e bissexuais o tom era ainda oscilante, entre vítima e vilão, mas todo esse processo de construção de personagem e estilo literário foi construindo também um público receptor e despertando nesses “sentimentos diversos: “a piedade ou a antipatia, e ainda, por outro motivo, o medo.” (BESSA, 2002, p. 52).

Em 10 de Agosto de 1988, a revista **Veja** pública uma matéria especial de capa intitulada “AIDS: os que vão morrer contam sua agonia”. A capa é a fotografia de uma máscara em um jogo de luz e sombra e modelada com algumas colagens com frases e palavras-chaves, como: “Aids é crime”, “AIDS”, “Famílias”, na parte superior da cabeça, como se fosse as angústias na mente dos doentes. A máscara está saindo de uma parede branca com a expressão séria em um jogo de luz e sombra. É como se fosse uma lápide. A manchete destaca a relação da doença com a morte dolorosa. A ausência de um rosto humano específico pode simbolizar a tentativa de uma generalização que se iguala no destino fadado a morte eminente.

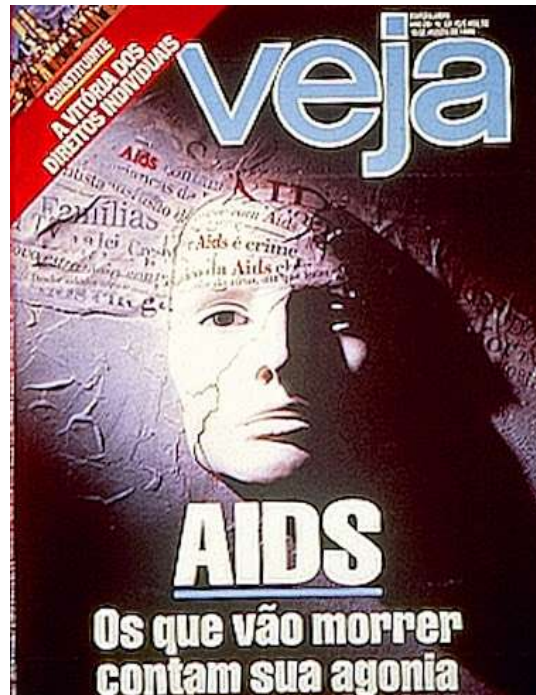


Figura 1 – Revista Veja, 10 de Agosto de 1988

Contudo, talvez o marco crucial do recurso fotográfico brasileiro tenha sido em 1989, com a capa da *Veja* com a foto de Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuzo, já bastante debilitado devido à doença com a manchete: “Cazuzo – Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”. A imagem forte revela um homem de óculos grandes, sério, abatido, olhos cansados, pescoço fino, camisa preta e braços cruzados tocando os ombros. Temos a representação do “agonizante”, como a própria matéria intitulava. Lembrando que a reportagem é de 1989, ela é antes um resgate do universo da Aids, invocando a já conhecida relação entre doença e morte e uma atualização com o símbolo da juventude da época, ou seja, “Cazuzo passa a ser a imagem pública da Aids e com essa imagem pode ser recuperada a memória social sobre as pessoas adoecidas no período” (BERNADES; PORTO; SANTOS; GOMES, 2015, p.185).

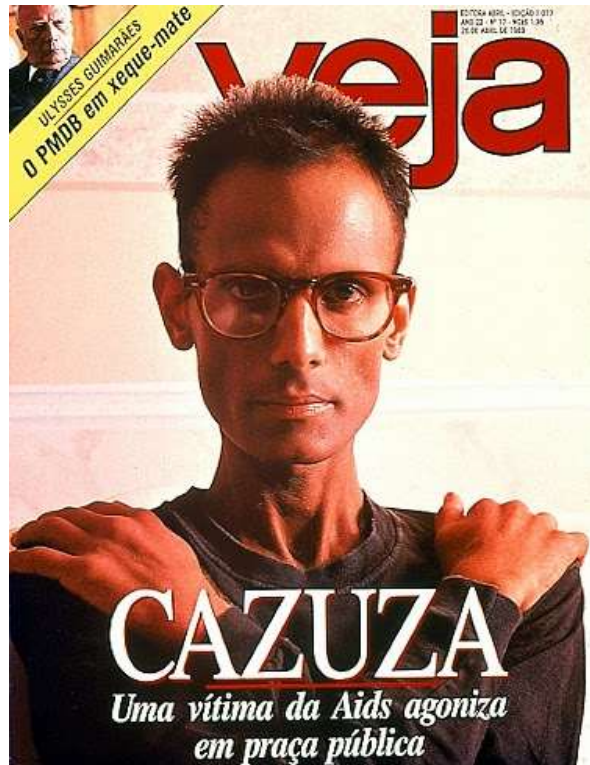


Figura 2 – Revista Veja, 26 de Abril 1989

“Mostrar a cara” virou um imperativo nesse tipo de meio comunicação. Não bastava contar uma história, descrever o personagem, era preciso mais, dar nome real, e por fim, a fotografia do rosto, que antes tinha um jogo de luzes e sombra, mas chega ao momento de mais exposição, frente a frente, como a capa de Cazuzza. Essas caras tinham que desenhar no imaginário coletivo o “aidético”, reforçando os sentimentos de piedade e desolação, e pra isso, recursos linguísticos, como “vítima” e “agoniza”, eram muito utilizados. Assim, essa capa de Cazuzza, por ser um artista famoso, carregou o símbolo da “cara da AIDS”. Inclusive, a fotografia acabou sendo um recurso prioritário, como Bessa destacou:

com pessoas anônimas, o procedimento é outro [se referindo sobre dar voz]: muitas fotos com pouca – e, as vezes, nenhuma – fala. O que acontece, nesses casos, é um quase total desaparecimento da subjetividade da pessoa com AIDS, enquanto que o corpo continua visível. (2002, p.69)

O fato das matérias das revistas narrarem as histórias de pessoas anônimas doentes, não significou uma real representação. Elas estavam a serviço da espetacularização da doença, da dor e da morte. Eram corpos sem vozes, caras sem bocas. As imagens das pessoas serviam para construir o sentimento hora de piedade, hora de repúdio. A própria repercussão da matéria de Cazuzza é um exemplo disso, pois depois da publicação ele divulgou seu

descontentamento com o tratamento editorial, como se tivessem tirado sua voz e contado outra história, fazendo dele um doente terminal.

Todo esse processo não apenas informou (também desinformou), mas transformou a AIDS em um tema que garantiu uma espécie de saber coletivo sobre a doença. Nesse saber não necessariamente tivesse uma coerência ou um senso comum, mas se perpetuou o sentimento de incomodo dentro da cultura brasileira enraizado por uma exposição da vida íntima. Somando a isso, de forma bem delineada, ficou um tipo de controle social sobre as atividades sexuais já que foi gerado um sentimento aos pacientes de existir perante o mundo não apenas como imagem, mas como um ser transformado fisicamente e emocionalmente.

As revistas semanais tiveram grande contribuição para a composição e representação da AIDS em dois aspectos: O primeiro seria um estilo próprio de tratar a doença, destacando relatos das vítimas em um discurso que enfatizava a relação entre a AIDS, a dor e a morte. O segundo foram suas capas e fotografias emblemáticas que davam ao imaginário popular uma imagem ao discurso do corpo deteriorado.

A construção de um grupo de risco no discurso médico foi crucial para fazer validar as personagens para a literatura que se construía sobre a temática da AIDS. Nascendo no campo das ciências como forma de tentar entender a atuação do vírus HIV, essa delimitação acabou alcançando o campo social e fazendo perceber que era preciso ter cuidado com os discursos, pois a exportação de saberes de outras culturas, não conseguiam abarcar a realidade brasileira que vivia uma sexualidade minada de não-ditos, onde o brasileiro, mesmo tendo práticas homossexuais, não se via como homossexual, gay ou bissexual. A AIDS acaba por se inserir na cultura muito mais do que como doença, era, sobretudo, uma construção discursiva perigosa, que ao se deparar como um indivíduo contaminado, a percepção de si sobre o viés da sexualidade era também abalada e a sensação de uma revelação indesejada era questionada. Isso desencadeou problemas na atuação do sistema de saúde, pois muitos portadores do vírus abriam mão de qualquer tipo de tratamento com medo da uma possível exposição ao outro.

Com isso, a possibilidade da visibilidade foi dada para pessoas comuns, causando mudanças, como o destaque antes dado pelas matérias voltadas apenas para notas de falecimento de grandes personalidades. Contudo, as revistas e jornais direcionavam com uma determinada intencionalidade às publicações, que às vezes não era a mesma do indivíduo que falava. Isso gerou um efeito significativo na literatura propriamente dita. Se vozes já tinham sido permitidas, mesmo com certas limitações, agora os contaminados queriam ter sua própria

boca para gerir a sua própria manifestação na comunicação. Assim, a literatura será uma possibilidade de auto-representação e outras possibilidades de subjetividade.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Margarida Maria Roch; PORTO, Fernando Rocha; SANTOS, Érick Igor dos; GOMES, Antonio Marcos Tosoli. Método de análise imagética: Cazuza na revista Veja como ícone da Aids na década de 1980 no Brasil. In: **Psicologia e Saber Social**, 4(2), 183-194, 2015. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2015.16192

BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos: autobiografias e AIDS**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

DANIEL, Herbert & PARKER, Richard. **Aids a Terceira Epidemia**. São Paulo: Iglu, 1991.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil**, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

VEJA. São Paulo: Abril, 26 de abr. 1989.

VEJA. São Paulo: Abril, 10 de ago. 1988